



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Questão Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-eixo: Questão Ambiental

**BREVES REFLEXÕES SOBRE O SISTEMA SOCIOMETABÓLICO DO CAPITAL EM
MÉSZÁROS: UM APORTE TEÓRICO PARA O DEBATE CRÍTICO DA RELAÇÃO
HOMEM-NATUREZA**

FRANCISCO VIEIRA DO NASCIMENTO NETO¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o sistema sociometabólico do capital no capitalismo, identificando seus componentes e apreendendo sua dinâmica interna e sua relação com a problemática ambiental. A investigação se baseia no método materialista histórico-dialético e teve como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo. Sistema Sociometabólico do Capital. Relação homem-natureza. Trabalho. Mézszáros.

ABSTRACT

This article aims to analyze the sociometabolic system of capital in capitalism, identifying its components and understanding its internal dynamics and its relationship with environmental issues. The research is based on the historical-dialectical materialist method and used bibliographic research as its methodological procedure.

KEYWORDS: Capitalism. Sociometabolic System of Capital. Man-nature relationship. Work. Mézszáros.

INTRODUÇÃO

Para Mézszáros o sistema sociometabólico do capital integra uma tríade constituída pelo capital, o Estado e o trabalho assalariado. O metabolismo social resultante deste sistema busca incansavelmente a expansão e acumulação do capital em detrimento de todas as áreas da vida

¹ Universidade Federal de Pernambuco

social. Todavia, o desenvolvimento constante das forças produtivas no capitalismo, ao promover superprodução, expõe as contradições que derivam do próprio sistema.

Neste sentido, este artigo tem por objetivo analisar o sistema sociometabólico do capital no capitalismo, identificando seus componentes e apreendendo sua dinâmica interna e sua relação com a problemática ambiental na contemporaneidade. Parte do pressuposto que as elaborações sobre o sistema sociometabólico do capital em Mészáros é um aporte teórico fundamental para desvelar o funcionamento desse sistema e uma das principais contradições inerente ao metabolismo social no capitalismo expressa na problemática ambiental.

Para atender o objetivo proposto, o desenvolvimento das nossas análises se baseou principalmente no trabalho *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*, de Mészáros, e na produção do campo crítico marxista que trata da categoria trabalho como mediação do homem com a natureza e como se expressa essa relação no capitalismo, utilizando a teoria social crítica elaborada por Marx como método de análise por oferecer um estudo da realidade a partir da categoria totalidade, desvelando seus reais determinantes e significados.

Assim, dividimos a exposição das nossas análises em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, trazemos à luz a constituição e organização do sistema sociometabólico do capital no capitalismo a partir de Mészáros, apreendendo seu funcionamento e modo de reprodução. Na segunda, abordamos a relação homem-natureza sob o modo de produção capitalista, destacando a modificação no metabolismo social com o advento desse modelo de organização social. Na terceira e última seção discutimos a problemática ambiental como expressão do sistema sociometabólico do capital no capitalismo, vinculada ao agravamento da exploração do trabalho e da natureza para a obtenção do mais-valor, próprio desse metabolismo social, articulando as discussões realizadas na primeira e segunda seções, enfatizando a destrutividade da natureza como imperativo para a produção e reprodução desse sistema.

O interesse em desenvolver essas reflexões parte das aproximações que venho realizando no campo das pesquisas científicas dentro da grande área temática envolvendo a questão ambiental e, nesse momento, em particular, dos debates em sala de aula abrangendo o teórico húngaro István Mészáros, que nas suas sistematizações sobre o sistema sociometabólico do capital ilumina a compreensão da problemática ambiental. Assim, este artigo representa o resultado de indagações da disciplina Estado, Sociedade e Direitos no âmbito do doutorado em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco.

Importante deixar claro que os limites deste texto não permitem, obviamente, uma primorosa reconstrução da síntese apreendida por Mészáros nas suas elaborações teóricas sobre o sistema sociometabólico do capital, bem como uma análise aprofundada dos elementos que a gestam e materializam a problemática ambiental, mas apenas resgatar alguns elementos essenciais na importante inter-relação dos conceitos e categorias para o objetivo referido anteriormente.

1. O sistema sociometabólico do capital

Marx na análise do metabolismo social do capital na sua estrutura mais desenvolvida: a produção capitalista moderna, aponta o processo social da produção como a base das suas pesquisas. A apreensão da categoria produção e das mediações que se estabelecem ao seu lado são fundamentais para compreender o desenvolvimento e a natureza do metabolismo social do capital.

Conforme Marx, “uma produção determinada determina, portanto, um consumo, uma distribuição e uma troca determinados, regulando igualmente as *relações recíprocas determinadas desses diferentes momentos*.” Do mesmo modo, “[...] a produção, na sua forma exclusiva, é também, por seu lado, determinada pelos outros fatores” (Marx, 1974, p. 228). Isso significa dizer que ao tratar da produção, Marx reporta à produção dos indivíduos sociais condizente a dada etapa do desenvolvimento das forças produtivas. Por essa razão investiga a produção no seu elo com o consumo, a distribuição e a troca para estabelecê-los como elementos de uma totalidade.

Tomando por base essa análise, Mészáros evidencia a impreterível relação dialética entre *produção e controle*, *produção e consumo* e *produção e circulação*. Para o teórico marxista húngaro, todos esses pares são circuitos que se operacionalizam de forma específica em cada metabolismo social, de maneira que o sociometabolismo do capital é composto pelos diversos circuitos produzidos pela totalidade de mediações correspondentes e historicamente específicas desse modo de domínio.

Embora note que em quaisquer períodos da produção contenham determinações comuns que podem ser compreendidas como características gerais, para Mészáros há uma especificidade que define o estágio capitalista como o mais desenvolvido e diferenciado modelo de organização histórica da produção, qual seja: sua constituição como um complexo interligado pelo redimensionamento dos seus *antecedentes históricos*. Com essa assertiva, Mészáros – alicerçado



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

nas obras de Marx – diferencia as diversas formas historicamente existentes de mediações estabelecidas entre os homens no seu intercâmbio e relação com a natureza para elaborar sua análise sobre o *sistema sociometabólico do capital*.

Recuperando as determinações ontológicas medulares dadas pela atividade produtiva, o filósofo húngaro verifica que os sujeitos se reproduzem através de funções primárias de mediação. Essas mediações primárias englobam as funcionalidades substanciais à reprodução social, que viabilizam a sobrevivência dos indivíduos e a organização social. No conjunto dessas condições estão:

- A regulação da atividade reprodutora biológica, mais ou menos espontânea e imprescindível, e o tamanho da população sustentável, em conjunto com os recursos disponíveis;
- A regulação do processo de trabalho, pelo qual o indispensável intercâmbio da comunidade com a natureza produz os bens necessários para a gratificação do ser humano, além dos instrumentos de trabalho, empresas produtoras e conhecimentos pelos quais se pode manter e aperfeiçoar esse processo de produção;
- O estabelecimento de relações adequadas de troca, sob as quais as necessidades historicamente mutáveis dos seres humanos podem ser associados para otimizar os recursos naturais produtivos (inclusive os culturalmente produtivos);
- A organização, a coordenação e o controle das múltiplas atividades pelas quais se asseguram e se preservam os requisitos materiais e culturais para a realização de um processo bem-sucedido de reprodução sociometabólica das comunidades humanas cada vez mais complexas;
- A alocação racional dos recursos humanos e materiais disponíveis, combatendo a tirania da escassez pela utilização econômica (no sentido de economizadora) dos meios e formas de reprodução da sociedade, tão viável quanto possível com base no nível de produtividade atingido e dentro dos limites das estruturas socioeconômicas estabelecidas; e
- A promulgação e administração das normas e regulamentos do conjunto da sociedade, aliadas às outras funções e determinações da mediação primária (Mészáros, 2011, p. 213).

Importante destacar que não significa que as mediações primárias equivalham a um estado natural original de reprodução social, a que seria capaz de retornar em certo período do desenvolvimento do processo histórico. Pelo contrário, revela que as mediações basilares compõem uma camada estrutural, da qual a particularidade determinante está em ser redimensionável, conforme as especificidades sócio-históricas do sistema reprodutivo em que suas funções são realizadas (Mészáros, 2011, p. 214). Isso evidencia garantir as condições objetivas de produção e reprodução do metabolismo social sob condições gradativamente alteráveis.

Dentro desse conjunto de mediações de primeira ordem, podemos constatar que não está estimado a definição de estruturas hierárquicas de dominação e subordinação. Entre os redimensionamentos que conduzem a autorrealização do homem e aquelas que devastam e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

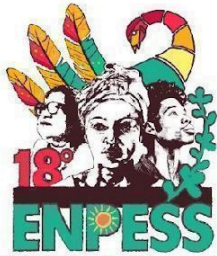
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

divergem a esta, existe um distanciamento. Essas diferenças advêm da própria *mediação sociometabólica entre o homem e natureza*. Assim, se em épocas históricas antecedentes, a mediação entre homem e natureza pode conceber uma natureza inorgânica segundo as necessidades de produção/reprodução da vida social, por isso que as funções de mediações primárias são impactadas sob as condições históricas predominante, sempre na forma de mediações de segunda ordem. É desse modo que, no desenvolvimento histórico e de acordo com as práticas de reprodução social, uma das alternativas é a instituição do capital como relação social de produção.

As mediações de segunda ordem do capital se inserem entre o homem e sua atividade como mediações que transformam as configurações primárias da atividade básica produtiva/reprodutiva, estabelecendo uma estrutura hierarquizada. Os aspectos opressivos que daí resultam e demarcam o modelo de reprodução sociometabólico do capital emergem no trajeto da história através de um vasto e crescente processo de subordinação, incorporação e redimensionamento dos seus antecedentes históricos.

O modo como o capital conquista sua forma plenamente desenvolvida deriva de um processo longo e complexo. Atentando a forma de mediação reprodutiva vinculada como um conjunto historicamente próprio de estruturas e práticas sociais, nos possibilitará certificar a composição do sistema do capital como correspondente ao advento de sua segunda ordem de mediações. Esta compreende a constituição e organização de um conjunto de elementos sistematizados e apresentados por Mézáros da seguinte forma:

- a *família nuclear*, articulada como o “microcosmo” da sociedade que, além de seu papel de reproduzir a espécie, participa de todas as relações reprodutivas do “macrocosmo” social, inclusive da necessária mediação das leis de Estado para todos os indivíduos e, dessa forma, vital também para reprodução do próprio Estado;
- os meios de reprodução alienados e suas “personificações”, pelo qual o capital adquire rigorosa “vontade férrea” e consciência inflexível para impor rigidamente a todos a submissão às desumanizadoras exigências objetivas da ordem sociometabólica existente;
- o dinheiro, com suas inúmeras formas enganadoras e cada vez mais dominantes ao longo do desenvolvimento histórico – desde a adoração ao bezerro de Jerusalém na época de Jesus (práticas muito reais, apesar de figurativamente descritas, castigadas com fúria pelo código moral da tradição judaico-cristã – embora, considerando a evidência histórica, totalmente em vão), passando pelo baú do usuário e pelos empreendimentos necessariamente limitados do antigo capital mercantilista, até chegar à força opressora global do sistema monetário dos dias de hoje;
- os objetivos fetichistas de produção, submetendo de alguma forma a satisfação das necessidades humanas (e a atribuição conveniente dos valores de uso) aos cegos imperativos da expansão e acumulação do capital;
- o trabalho, estruturalmente separado da possibilidade de controle, tanto nas sociedades capitalistas, onde tem que funcionar como trabalho assalariado coagido e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

explorado pela compulsão econômica, como sob o capital pós-capitalista, onde assume a forma de força de trabalho politicamente dominada;

- as variedades da formação do Estado do capital no cenário global, onde se enfrentam (às vezes com os meios mais violentos, levando a humanidade à beira da autodestruição), como Estados nacionais autônomos...
- e
- ...o incontrolável *mercado mundial*, em cuja estrutura, protegidos por seus respectivos Estados nacionais ao grau permitido pelas relações de poder prevalecentes, os participantes devem se adaptar às precárias condições de coexistência econômica e ao mesmo tempo esforçar-se por obter para si as maiores vantagens possíveis, eliminando os rivais e propagando assim as sementes de conflitos cada vez mais destruidores (Mészáros, 2011, p. 180).

Em sua totalidade, tais mediações figuram o que Mészáros chama de círculo vicioso, que tende a autorreproduzir o metabolismo social instituído. Contudo o filósofo húngaro lembra que “só se pode falar em círculo vicioso com relação à maneira como estão unidos todos esses componentes do modo estabelecido de controle sociometabólico” (Mészáros, 2011, p. 180), com todos os seus diversos circuitos conectados e reciprocamente reforçadores.

O círculo vicioso de que se trata corresponde à circularidade prática da divisão do trabalho capitalista, perante a qual o trabalho objetivado, estranhado, se torna capital e, enquanto tal, domina o trabalhador. A definição da “perversa circularidade” desse metabolismo social demonstra que o capital é parasitário do trabalho e, portanto, precisa dominá-lo e explorá-lo.

Aqui há um ponto que nos interessa olhar com muita atenção. Ao demonstrar o capital como uma relação cuja base é sua circularidade, Mészáros atesta que a particularidade do metabolismo social do capital encontra no fato de que a sociabilidade desenvolvida por este sistema é assentada na chamada relação-capital. Esta cria as condições materiais para a dominação do capital sobre o trabalho. Desse modo, mesmo quando se limitou à subordinação formal do trabalho ao capital, o controle da força de trabalho encontrou na ânsia em produzir trabalho excedente (trabalho que ultrapassa as necessidades imediatas do indivíduo), por meio do aumento do tempo de trabalho, a maneira de criação de mais-valor, nesse caso, mais-valor absoluto.

Uma das particularidades da relação-capital no capitalismo em seu desenvolvimento pleno está, justamente, na alteração das suas funções econômicas que implica também em diferenças sobre a forma como o capital coordena sua autorreprodução circular sobre o trabalho. Essa circularidade, para ser preservada, o capital impõe uma transformação radical sobre o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sociometabolismo da sociedade, resultando progressivamente na realização do sistema do capital plenamente desenvolvido².

É fato que, o desenvolvimento histórico do capital, rompe com a coesão e a limitação internas determinadas pelos sistemas de controle antecedentes ao modo de produção capitalista. Essa ruptura se cumpre uma vez que ocorre uma fratura no sistema baseado na autossuficiência. Perante o fato que os elementos do sistema do capital, que compõe sua natureza sociometabólica, serem incapazes de se autorrestringirem na sua evolução sobre as formas de produção direcionadas para a satisfação das necessidades humanas, o capital – enquanto sistema de controle sociometabólico – ultrapassou as condições precedentes e subordinou a produção orientada pelo valor de uso à produção dirigida para o valor de troca – que exprime na sua essência a produção de riqueza para acúmulo do capital, objetivando sua expansão e reprodução.

De acordo com Mézáros (2011, p. 105), é favorável ao capital se libertar das correntes da autossuficiência, pelo menos no que corresponde à sua dinâmica de expansão, na medida em que permitiu as separações entre *produção e controle* do trabalho (a partir do que “a produção e seu controle estão radicalmente isolados entre si e diametralmente opostos”), *produção e consumo* (que “[...] adquirem uma independência e uma existência separadas extremamente problemáticas [...]”, e o valor de uso é subordinado ao valor de troca) e *produção e circulação* ([...] de maneira que o capital social total seja capaz de penetrar – porque *tem de penetrar* – no domínio da *circulação global* (ou para ser mais preciso, de modo que seja capaz de criar a *circulação como empreendimento global* de suas próprias unidades *internamente fragmentadas*) [...]”, realizadas no contexto de avanço do capital.

Sendo assim, é nítido que, ao passo em que o sistema do capital quebra as barreiras da coesão e restrição internas de modo a garantir sua reprodução, do mesmo modo, e precisamente por isso, os elementos que o compõe são internamente fragmentados. Como efeito, os antagonismos derivados dessa estrutura são inevitavelmente reproduzidos sob todas as condições históricas concebidas pela época do capital. Evidencia-se, desse modo, os defeitos estruturais do sistema do capital que, na contemporaneidade, *uma das suas principais expressões está na questão ambiental, isto é, na destrutividade da natureza*.

O Estado, nesse processo, não é neutro. Ao contrário, Mézáros enfatiza que o Estado integra uma tríade com o capital e trabalho, sendo parte constitutiva do próprio sistema

² Nas seções seguintes desse texto, desenvolveremos sobre a categoria trabalho e a forma pela qual o capital coordena sua produção e reprodução sobre o mesmo a partir de uma finalidade própria do seu sistema sociometabólico.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sociometabólico e não apenas um acessório no processo de acumulação capitalista. Nos termos do autor, o Estado revela-se como:

patrocinador direto, que fornece generosamente, até mesmo às mais ricas corporações multinacionais, os fundos necessários para a “renovação” e o “desenvolvimento de instalações”, fundos que o idealizado “espírito empresarial” da competição privada não pode mais produzir lucrativamente (Mészáros, 2011, p. 672).

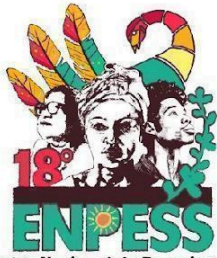
Portanto, a configuração do Estado mostra-se como indispensável ao processo de acumulação capitalista, financiando os setores produtivos, numa dinâmica que compartilha os custos da produção. É assim que, para o filósofo húngaro, o Estado moderno garante a reprodução do ampliada desse metabolismo social, complementando politicamente a partir da oferta de soluções corretivas – mesmo que temporárias – sobre as contradições desenvolvidas e reproduzidas no conflito de forças sociais que se contrastam.

Apresentados os elementos para a compreensão do sistema sociometabólico do capital no capitalismo, é necessário agora elucidar as determinações estruturais na relação homem-natureza dentro desse modelo de organização social a partir da categoria trabalho. As contradições geradas nessa dinâmica histórica se intensificam até que, como veremos em seguida, nesse modo de produção uma das contradições que se manifesta na relação entre homem e natureza está na sua ruptura sociometabólica com consequências para a destrutividade ambiental.

2. A relação entre homem e natureza: fundamentos da vida social e sua dinâmica sob o sistema sociometabólico do capital no capitalismo

Para dar conta da complexidade na relação homem-natureza no mundo contemporâneo é necessário entendê-la como totalidade historicamente determinada. A degradação do meio ambiente explica-se através dos fundamentos da relação entre sociedade e natureza, que são desvelados por Marx nos Manuscritos Econômicos e Filosóficos, quando o autor destaca a sua estreita dependência:

A natureza é o corpo inorgânico do homem, ou seja, a natureza na medida em que não é o próprio corpo humano. O homem vive da natureza, ou também a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se interrelaciona consigo mesma já que o homem é uma parte da natureza (Marx, 2004, p.116, *apud* Silva, 2008, p. 39).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Neste sentido, é necessário chamar atenção a uma especificidade do homem em relação aos demais seres orgânicos naturais: este distingue-se da natureza pelo trabalho. O homem, ao contrário dos demais seres vivos, relaciona-se com a natureza de forma mediatizada pelas relações que estabelece com os meios necessários à satisfação de suas necessidades – as relações sociais de produção. O trabalho configura-se, nessa relação, uma mediação essencial, pois é através deste que o homem se apropria da natureza, modificando-a, ao passo que cria os meios necessários à reprodução da vida e da sociedade. O trabalho, ontologicamente, é fundante do ser social, tendo caráter fundamental na sociabilidade humana, pois à medida que transforma a natureza o homem transforma a si próprio. O trabalho, portanto, “[...] não implica no desaparecimento da natureza, mas na sua transformação no sentido desejado pelos homens” (Lessa, 1999, p. 23).

Ao se constituir como ato intencional, o trabalho possibilita ao homem imprimir na natureza a marca de sua vontade, diferentemente dos demais seres vivos. O caráter teleológico do homem de produzir antecipadamente na consciência o resultado projetado faz parte das capacidades que o distinguem em relação aos demais seres da natureza. Isto é, só o homem é o ser da práxis, entendida como unidade entre o pensar (teoria) e o agir (prática). Só o homem é capaz de projetar idealmente e objetivar na realidade material o que foi projetado, diferente do animal que age por instinto. O homem pensa teleologicamente a partir de seus fins e, para alcançá-los, utiliza de mediações (ferramentas, técnicas etc.).

É, portanto, do caráter histórico do ser social, mediado pelo trabalho, que há um “salto” de superação da vida orgânica, representando uma mudança qualitativa e estrutural do ser. Por esse motivo, Lukács atribui ao trabalho o caráter fundante na gênese e desenvolvimento do ser social. Não há dúvidas que o vínculo estabelecido entre o ser humano e a natureza por meio do trabalho é o que determina a vida especificamente humana. Ademais, o que percebemos é que assim como Marx, Lukács revela a essência ontológica do trabalho, na sua concepção originária na correlação entre o ser humano (sociedade) e a natureza (orgânica e inorgânica), para criação de produtos úteis à vida (valores de uso), condição da existência humana.

Há que se observar, neste sentido, uma relação gradativa de caráter distinto e dependente entre homem e natureza, posto que a vida em sociedade só é possível em relação com a natureza – desde os determinantes da sua própria reprodução biológica à reprodução social, cuja *condição inegável é que é pelo trabalho que se transformam matérias da natureza em bens utilizados para o desenvolvimento da vida humana.*



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Por certo que nas sociedades que não tinham o capitalismo como modelo de organização social, o estágio de dilapidação da natureza não chegou a representar perigo à sustentabilidade do mundo. O baixo nível das forças produtivas nas sociedades que antecederam o mundo burguês não permitiu grandes avanços no domínio da natureza. Outra diferença essencial reside no fato de que nestas sociedades a extensão da produção não era tão larga e, por isso, não tinha tantos impactos no conjunto da organização da vida natural.

No capitalismo o sentido da produção é a valorização do valor e, conforme vimos na primeira seção deste artigo ao identificar os elementos que compõe e a forma que se organiza o sistema sociometabólico do capital no capitalismo, verificamos que o trabalho passa a ser meio de exploração do trabalhador deixando de ser parte de seu processo de humanização e, somente pela mediação do assalariamento, relaciona-se com a satisfação de suas necessidades.

As transformações ocorridas nos métodos de produção em virtude da subordinação do trabalho ao capital provocam dois fenômenos característicos: o trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence o seu trabalho e o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador (Marx, 2001).

Ora, o trabalhador, ao vender sua força de trabalho, renuncia a qualquer direito de participar do produto, já que a relação, como bem exemplificou Marx, é entre “coisas que o capitalista comprou”.

O autor ainda salienta que embora o produto, de propriedade capitalista, seja um valor de uso, isto é, útil à sociedade, na produção de mercadorias, o capitalista “produz valores-de-uso apenas por serem e enquanto forem substrato material, detentores de valor-de-troca” (Marx, 2001, p. 220). Neste sentido, a produção capitalista possui dois objetivos: o primeiro produzir um valor-de-uso que tenha um valor-de-troca, um produto que seja destinado à venda – a mercadoria; e o segundo de produzir uma mercadoria de valor mais elevado que todo trabalho necessário para produzi-la. Portanto, além de produzir uma mercadoria que tenha valor-de-uso é necessário que esta tenha valor-de-troca, mas também um valor excedente (mais-valor). Possuindo no processo de produzir a fonte do mais-valor, elaborações retomadas por Mészáros na sua compreensão de uma das mediações que distinguem o sistema sociometabólico do capital no capitalismo.

À medida que a relação dos homens com o meio natural passa a ser mediada pela produção de mais-valor, ou seja, pelo processo de valorização, a sociedade capitalista reproduz um dos seus traços mais destrutivos. Este movimento, essencialmente concentrador de riquezas, altera, radicalmente, as relações entre sociedade e natureza. Nesses termos:

Ao adotar como objetivo da produção a formação de excedentes para o mercado com fins de obter lucro, a burguesia institui a concorrência e a competitividade como valores essenciais às práticas econômicas e impulsiona o desenvolvimento das forças produtivas como contra face da apropriação do trabalho alheio, inaugurando também uma nova etapa na relação com o meio ambiente. Do domínio da terra, passa-se, então, ao domínio da natureza (em escala planetária) e da própria humanidade (Silva, 2008, p. 37-38).

Neste sentido, a degradação ambiental e a alienação do trabalho conformam uma unidade que tende a se aprofundar, pois ambas deitam raízes no modo de produção burguês e suas leis inerentes. Por esta razão a problemática ambiental não pode ser debatida sem a compreensão do sistema sociometabólico do capital sob a dinâmica capitalista de produção da riqueza e exploração do trabalho, conforme tratado brevemente até aqui. Mas isso não basta para compreendê-la. É preciso situar também o seu aparecimento como resultante do desenvolvimento histórico da lógica geral de produção e reprodução do capital, conforme faremos a seguir.

3. A problemática ambiental como expressão do sistema sociometabólico do capital

Na atualidade, uma das expressões mais significativas no tocante à crise do capital é a problemática ambiental. Essa surge como tal na passagem do século XX para o século XXI, pondo em questionamento a relação entre homem e natureza. A partir do estabelecimento do capitalismo desenvolvido, com seu caráter concentrador e a natureza predatória da forma de produção da riqueza, “[...] modificam-se as relações do homem com a natureza, que passam a ser crescentemente subsumidas às leis de mercado, de produção e realização da mais-valia” (Araújo *et al.*, 2011, p. 122). A degradação de maneira ampliada do meio ambiente se constitui sob esta lógica produtivista e exploratória. É fato que a expansão do lucro e as novas estratégias de internacionalização das grandes indústrias trouxeram consigo a utilização, de forma exacerbada, dos bens naturais e a má utilização dos resíduos, de modo que a iminente extinção desses bens e o desequilíbrio natural são resultados inquestionáveis desse movimento.

Nos anos cinquenta e sessenta do século XX o capitalismo monopolista viveu uma fase que alguns economistas denominaram de os “anos de ouro”, pelo fato de ocorrer resultados econômicos nunca vistos na história dessa forma de organização da produção. Este período foi marcado pela gerência do modo de acumulação taylorista-fordista e da intervenção do Keynesianismo, enquanto experiência político-econômica de regulação. Esse binômio foi caracterizado pelo padrão da produção/consumo em massa e ação do Estado, nos países de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

capitalismo central, garantindo o pleno emprego. O trabalho era realizado com a redução de tempo e aumento do ritmo de trabalho, cujo objetivo foi a intensificação das formas de exploração, combatendo o “desperdício” na produção. Esse processo produtivo baseado na produção em série fordista e no cronômetro taylorista, além da extração, ao máximo, da mais-valia, intensifica a apropriação da natureza em larga escala para fins de produção em massa, submetendo-a à lógica do capital.

Porém, os “anos de ouro” começaram a esgotar-se nos anos setenta do século XX, com a crescente queda das taxas de lucro pelo capital resultante da crise do petróleo e de fatores relacionados à mudança na base técnica da produção (introdução da microeletrônica), cuja tendência poupadora de mão de obra induz a uma crise de superprodução. Subjacente a esses fatores estava a pressão organizada dos trabalhadores, do movimento sindical, demandando melhorias salariais e contestando a organização da produção nos moldes taylorista-fordista (Netto; Braz, 2012).

Como resposta à sua mais nova crise, o capital lança mão de estratégias político-econômicas globais para reverter a conjuntura nada favorável à ampliação e reprodução do seu sistema. Na esfera da produção, estreita-se o modelo de acumulação anterior, tido como rígido e instaura-se um modelo baseado na acumulação flexível, no qual opera a reestruturação produtiva, caracterizando-se pela flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados, dos produtos e dos padrões de consumo.

Com a reestruturação produtiva e com o toyotismo enquanto modelo gerenciador do processo de trabalho, evidenciam-se alterações que desregulam, principalmente, as conquistas de trabalhadores quanto aos direitos assegurados. Flexibiliza-se a produção e flexibilizam-se as relações de trabalho.

Esse processo cria novos mecanismos de acumulação – próprios do sistema sociometabólico do capital – e aprofunda o caráter predatório do sistema. Destaca-se “a escalada de destruição dos recursos naturais, a degradação do planeta, inclusive com a ‘mercadificação’ dos recursos ambientais globais como a água, o ar e o subsolo” (Silva, 2010, p. 87). Assim, verifica-se o caráter predatório levado a efeito pelo capitalismo, visando resolver seus problemas de “sobreacumulação”.

Afirmamos, assim, que o metabolismo social do capitalismo lança mão de novas e intensas formas de exploração, tanto da força de trabalho quanto dos bens naturais, para tentar resolver seus problemas de lucratividade. Portanto, a *chamada problemática ambiental é fruto da crise do*



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

capital que, dentro do seu sistema sociometabólico, só tende a agravar-se. Endossando essa afirmativa, a questão ambiental como o “conjunto de deficiências da produção do sistema, o qual se origina na indisponibilidade ou escassez de elementos do processo produtivo advindos da natureza [...]” (Silva, 2010, p. 67), tem uma relação direta com a crise capitalista inerente a dinâmica do metabolismo social do capital, sendo, pois, uma das suas principais expressões e tendo recebido, nas últimas décadas, um destaque devido ao seu agravamento em nível global. A intensificação do uso da tecnologia no processo de trabalho, juntamente com a desregulamentação das relações de trabalho, ampliam a capacidade do capital em garantir a expansão do seu lucro, concomitante à sua reprodução, ao mesmo tempo em que para tal fim é premente a necessária exploração dos bens naturais de forma intensiva em escala ampliada. Desse modo, a perdularidade do capitalismo no uso incontrolável dos bens naturais se torna causa fundamental da questão ambiental, ocasionando uma ruptura sociometabólica na maneira como o homem lidava com a natureza para a satisfação das suas necessidades, conforme tratado na segunda seção deste trabalho.

Assim, a depredação dos bens naturais se acentua na medida em que há a subordinação do valor de uso ao valor de troca das mercadorias, de modo que a degradação ambiental implica em consequências para a humanidade em proporções tais que fogem ao controle do próprio capital. De acordo com Cabral do blog sustentável do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), em 2019, no dia 29 de julho, a humanidade já havia utilizado todos os bens naturais (água, terra, ar limpo etc.) que o planeta oferece, ou seja, utilizado todos os elementos naturais além da capacidade de produção e renovação sustentável pelo planeta no tempo de um ano. Portanto, no restante do ano, a partir de 29 de julho, a natureza foi consumida além da sua capacidade de renovação anual. Esse é um dado alarmante, pois considerou que o planeta “entrou no vermelho” a partir daquele dia, na medida em que os bens usados a partir dessa data não serão mais recuperados. O CEBDS também expôs que o chamado dia da sobrecarga³, que retrata o momento em que o consumo de bens naturais supera o volume que o planeta é capaz de renovar⁴, “chegou dois meses antes de 20 anos atrás e a cada ano se antecipa no calendário. Em 1993, ocorreu em 21 de outubro; em 2003, em 22 de setembro; e em 2017, 2 de agosto” (2019, local 1). Isso significa dizer que a humanidade atualmente utiliza os

³ Para chegar ao resultado, o total de recursos que o planeta é capaz de produzir em um ano é dividido pela demanda da humanidade no mesmo ano, considerando o número de dias do ano.

⁴ Sendo um cálculo realizado pela organização Global Footprint Network (GFN) e realizada desde 1986.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

bens naturais 1,75 vezes mais rápido que a capacidade de regeneração dos ecossistemas, aponta a ONG.

É evidente que esse consumo é relacionado ao nível de desenvolvimento do país e o estágio de expropriação dos bens naturais para a obtenção de lucros. Essa situação já é refletida, a título de exemplo, no acesso desigual à água de boa qualidade em diversos lugares do mundo, na poluição dos grandes centros urbanos, no aquecimento global dentre outras consequências. Essa triste realidade expõe a situação de ameaça à vida no planeta, inclusive da própria humanidade. Está aqui uma das grandes contradições desse metabolismo social que, a partir da apreensão da sua dinâmica por meio do aporte teórico do sistema sociometabólico do capital em Mézáros e da categoria trabalho como fundante do ser social, é fato que não poderia se dar de outra forma.

Nesta direção, o desenvolvimento das forças produtivas, sob o signo do capital, não tem como horizonte a emancipação humana nem tampouco uma relação com o meio ambiente dotada de valores respeitosos. Do mesmo modo que o trabalho humaniza o homem, mas com o advento do modo de produção capitalista e a apropriação privada do excedente ele produz, ao contrário, um retrocesso no seu processo de humanização, os avanços científicos e tecnológicos que, em princípio, representam soluções para problemas da vida humana se manifestam, dialeticamente, como seu oposto.

A grande indústria, interpelada pelo incremento da tecnologia nos meios de produção, acentuou esta tendência degenerativa da relação sociedade e natureza. Assim, o desenvolvimento das forças produtivas, salienta Silva (2013, p. 23), porta uma contradição central:

Ao mesmo tempo em que demonstra o imenso potencial de expansão dos horizontes do gênero humano, o faz mediante a degradação das condições de vida de segmentos majoritários da sociedade e da dilapidação dos bens naturais, colocando em risco a reprodução da vida no planeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

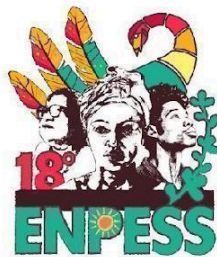
A opção por iniciar a exposição apresentando, ainda que breve, a natureza e o funcionamento do metabolismo social dominante na atualidade, pois escapa das possibilidades desse texto um desenvolvimento mais elaborado da síntese meszariana sobre o assunto, teve por objetivo tornar compreensível a base material de mediações que fundamentam o sistema

sociometabólico do capital, identificando seus componentes e apreendendo sua dinâmica interna, que tem enquanto componentes orgânicos centrais o tripé capital, trabalho e Estado;

A análise do processo de trabalho possibilitou revelar a atividade produtiva como uma mediação sociometabólica entre homem e natureza. Nas análises sobre o sistema sociometabólico do capital a partir de Mészáros, verificamos que este constitui uma estrutura de organização e controle de todas as esferas da sociedade, que submete o trabalho ao seu domínio e subordina os seres humanos as suas necessidades de produção/reprodução. Neste sentido, ao apreendermos o trabalho em Marx como categoria fundante do ser social, pudemos constatar a ruptura sociometabólica entre homem e natureza agravada pelo capitalismo em crise e sua finalidade de lucro, se tornando um elemento constitutivo da problemática ambiental.

É evidente que a sociedade capitalista se volta para dominar a natureza, em um viés de controle privado sobre a mesma. Operar a partir dessa concepção pode ser muito eficiente para o resultado imediato e muito dramático para o resultado em longo prazo. Qual é a catástrofe terrível disso? O envenenamento das águas, o envenenamento dos ares, da comida, a devastação da qualidade da comida pelos transgênicos, a devastação das florestas, o aquecimento global, todas essas características estão alterando o sociometabolismo. Faz algum sentido que o ser humano se relacione com o seu ambiente dessa maneira? Para nós, compreendendo a natureza como elementar à vida humana, não faz o menor sentido.

Uma boa parte dos capitalistas sabe do risco que corre o planeta pela violência dessa interferência. Na nossa avaliação, a catástrofe social na qual está sendo colocada a humanidade é a mais perigosa e essa catástrofe social exacerbada abre, de fato, tensões enormes. Avaliamos, do ponto de vista dos processos objetivos, que é possível controlar esse sociometabolismo, visto que hoje nós temos meios científicos, intelectuais, sociais e culturais para isso, uma capacidade “civilizatória” real. Entretanto, a finalidade da sociabilidade do capital é o lucro e, nos marcos desse modelo de organização social, é impossível restaurar o equilíbrio no sociometabolismo entre homem e natureza. Portanto, não há superação da problemática ambiental sem enfrentar a questão da relação sociometabólica com a natureza, ou seja, sem enfrentamento do capital. A devastação que está sendo feita na natureza é de tal proporção que hoje só é possível alterar esse quadro com uma revolução na existência humana e seu modo de organização em sociedade, tornando as elaborações sobre o sistema sociometabólico do capital por Mészáros um aporte teórico fundamental para desvelar o funcionamento desse sistema e suas possibilidades de superação.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, N. M. S.; OLIVEIRA, A. R. S.; SILVA, E. S. da; MESSIAS, J. R. “Questão Ambiental” e Política de Meio Ambiente: desafios ao Serviço Social brasileiro. *In: Revista Políticas Públicas*. São Luís, v. 15, n. 1, p. 121-129, Jan./Jun. 2011.

CABRAL, Kempson. **Humanidade já usou todos os recursos do planeta para 2019**. Sustentável Blog, Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS). Local 1 site, 2019. Disponível em: https://cebds.org/ja-ouviu-falar-da-sobrecarga-da-terra__trashed-2/#.XtWpOjpKhPY. Acesso em: 31 maio 2023.

LESSA, Sérgio. O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade. *In: Capacitação em Serviço Social e política social*. Módulo 2: Crise contemporânea, Questão Social e Serviço Social. Brasília: CEAD, 1999, p. 21-33.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. p. 1-20, 1969. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/bases_ontologicas_pensamento_atividade_homem_lukacs.pdf. Acesso em: 28 de maio 2020.

MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*. 3a edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

_____. **O capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. Livro 1 e livro 2. – 18º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011a.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. – 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Maria das Graças e. **Capitalismo Contemporâneo e “questão ambiental”**: o **Desenvolvimento Sustentável e a ação do Serviço Social**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Serviço Social. – Recife: O Autor, 2008. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br:8080/bitstream/handle/123456789/9370/arquivo376_1.pdf?sequence=1&allowed=y. Acesso em: 03 ago. 2019.

_____. **Questão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**: um desafio ético-político ao Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Questão Ambiental e as Principais Formas de Enfrentamento no Século XXI**. *In: ARAÚJO, N. M. S.; SANTOS, J. S.; SILVA, M. das G. e. (orgs). Educação Ambiental e Serviço Social: o PEAC e o licenciamento na gestão pública do meio ambiente*. 2. ed. Ver. E ampl. – São Cristóvão: Editora UFS, 2013.